

A ANÁLISE DA FORMULAÇÃO DO DISCURSO ANTICOMUNISTA NO RIO GRANDE DO NORTE APÓS O LEVANTE COMUNISTA DE 1935 POR MEIO DOS JORNAIS *A ORDEM E A REPÚBLICA*

DANIELA ARAÚJO LEIRIAS*

Nosso objetivo neste artigo é demonstrar a construção do discurso anticomunista na imprensa local após o Levante Comunista ocorrido em novembro de 1935 no Rio Grande do Norte, sendo um dos movimentos de viés comunista possível de realização de forma concreta no estado, onde essa articulação resultou na derrubada do poder local. Antes o comunismo se apresentava apenas como ameaça, após o levante, o comunismo confirma a demonstração da possibilidade de tomada de poder pelos “subversivos”. Portanto, após o levante esse discurso passa a apresentar de forma mais contundente na imprensa local.

Nesse contexto, como afirma Homero Costa em seu trabalho “A insurreição Comunista de 1935: o primeiro caso da tragédia”, que demonstra como ocorreu a possibilidade da atuação comunista em Natal:

O aspecto principal é quanto à especificidade da situação local, tanto do Estado do Rio Grande do Norte, como de Natal e o papel fundamental do Partido Comunista que articulou um levante a nível nacional e que vai eclodir, principalmente no dia 23 de novembro, ou seja, o levante de Natal embora fosse parte de uma articulação de âmbito nacional, constitui-se numa precipitação da célula militar e da direção do Partido em Natal, que pega de surpresa não só a direção nacional, com membros da direção estadual que não estavam em Natal, sendo notório do caso de Mossoró, onde o Partido era mais organizado e influente junto à classe trabalhadora da Região (COSTA, 1935).

Nesse sentido, a situação local se encontrava em um momento propício ao levante, em um clima de instabilidade política na disputa de poder entre as oligarquias locais, como demonstra a disputa entre Mário Câmara interventor do estado em oposição ao Partido Popular. Nesse contexto, somados a descontentamento popular que se manifestou através de

* Orientanda PIBIC do Prof. Dr. Renato Amado Peixoto, Doutor em História pela UFRJ. Projeto - PVC8116-2012: O pensamento católico, a atuação política e a intervenção social da Igreja em relação à formulação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense entre 1930 e 1964..

greves no início de novembro de 1935, e o descontentamento presente por parte do 21º Batalhão de Caçadores do Exército, essa inquietação militar e popular possibilitou a realização do Levante Comunista. Entretanto, como demonstra Homero de Oliveira, desde 1933 eram grandes as tensões políticas no estado, no confronto entre as facções que lutavam pelo controle do poder político estadual, confronto esse que seria o mais sério da história política do Rio Grande do Norte. O estado estava, portanto, convulsionado pelas recentes lutas em torno da sucessão estadual (COSTA, 1935). Nesse sentido,

A insurreição comunista e sua derrota mudou a qualidade do relacionamento entre o governo estadual e o federal; os adversários de Rafael Fernandes passaram a ser adversários do próprio regime; seu governo, que começara fraco e hesitante, se fortalecia com a execução das medidas de repressão ao movimento comunista. Criou-se o ambiente propício a uma ampla operação que objetivou liquidar toda e qualquer forma de oposição, apoiada nos instrumentos excepcionais que a decretação do Estado de Sítio (posterior ao levante de Natal, Recife e Rio de Janeiro) facultava ao governo. (SPINELLI, 2010: 166)

A nível nacional, como demonstra Scott Mainwaring, já no período entre 1890 a 1916 que a igreja se preocupou de se posicionar e de manter uma posição de prestígio na sociedade, onde foi possível a uma mudança significativa institucional, sendo esse período que demonstrava uma preparação para os objetivos da neocristandade que enfatizava mudanças frente ao ideais comunistas. Nesse sentido,

Embora a visão de D. Sebastião Leme tivesse precedentes, não seria antes da década de 20 que esse novo modelo de Igreja, o modelo da neocristandade, viria a florescer. Ele atingiu seu apogeu de 1930 a 1945, quando Getúlio Vargas era presidente. A igreja permaneceu politicamente conservadora, se opondo à secularização e às outras religiões, e pregava a hierarquia e a ordem... Assim conseguia o que percebia como sendo os interesses indispensáveis da igreja: a influência católica sobre o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotetantismo. (Mainwaring, 2004: 43)

Neste contexto, anticomunismo surge no Brasil, de acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, após o surgimento da Revolução de 1917, que postulou os princípios do bolchevismo,

onde foi capaz de influir nas questões políticas e internacionais, somadas as crises ocorridas após as consequências da Primeira Guerra Mundial. Nesta perspectiva, baseando no contexto histórico, onde se defrontava ao exemplo do sistema implantado na União das Repúblicas Socialistas Soviética serviu como alternativas para as políticas de outros países.

De acordo com o mesmo autor, que define três matrizes ideológicas do anticomunismo: Catolicismo, Liberalismo e Nacionalismo que fundamentam a construção do discurso anticomunista. O comunismo se apresenta como o mais novo inimigo da Igreja, sendo a instituição acostumada a passar por inúmeros desafios desde a Reforma. Porém, onde se questionava a ordem e a hierarquia católica, a Igreja neste contexto, se posicionou no combate, se colocando nesta posição do bem contra o mal, onde o comunismo seria o mau da modernidade a ser combatido. Portanto, o combate às ideias comunistas presente no discurso católico demonstra a preocupação da manutenção da ordem estabelecida pela igreja.

O comunismo como inimigo absoluto não derivava apenas do medo que conquistasse as classes trabalhadoras. A questão central, na ótica dos responsáveis católicos, no que não estavam desprovidos de razão, é que a nova doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas. O comunismo não se restringia a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. (MOTTA, 2002: 20).

Nesse contexto, outro viés ideológico, o Nacionalismo conservador (patriotismo) era utilizado na construção na defesa da ordem e da tradição, onde essa preocupação era defendida com o intuito de preservar a união da nação, em que enfatizava os valores cívicos e patrióticos, que possibilitou na construção de heróis nacionais, movimentações de caráter cívico e se firmando na construção de monumentos (MOTTA, 2002: 29).

Por isso, esse conjunto de valores defendidos pelo discurso anticomunista nacionalista era favorável à união que preservaria os valores da ordem vigente que serviu como argumento de que o comunismo seria advento da revolução Russa da ameaça estrangeira, incumbida de valores do internacionalismo comunista, tendo como lema a defesa da luta entre classes que promoveria uma revolução mundial com intuito de destruir a pátria e os valores da unidade

nacional. O Liberalismo nesse viés ideológico anticomunista se apresenta como outro argumento que enfatizava o discurso de negação aos ideais comunistas, onde o liberalismo se expressaria, em primeira instância, na defesa da liberdade individual, na defesa da propriedade, se posicionando contra o autoritarismo político e na luta contra o intervencionismo estatal (MOTTA, 2002: 38).

Assim, enfatizando em exemplos que se relacionam aos objetivos do governo comunista soviético, como forma de utilização para a fundamentação doutrinária, sendo fornecidos mais princípios argumentativos na construção ao imaginário anticomunista, onde essas matrizes ideológicas não se apresentavam de formas isoladas, e tão pouco eram exclusividades a determinados grupos sociais.

Em outras palavras, no desenrolar das campanhas e atividades anticomunistas, os argumentos das três “matrizes doutrinárias” apareciam frequentemente combinados ou mesclados. Neste aspecto, o célebre lema integralista “Deus, Pátria e Família” constitui-se numa referência interessante, pois apresentava a junção de diferentes “ênfases” anticomunistas (MOTTA, 2002, p. 45).

Nessa conjuntura, pós levante, que o discurso anticomunista se apresenta de maneira mais marcante na imprensa local, onde percebermos a formulação do pensamento anticomunista como uma preocupação da imprensa na construção de imagens que relacionam o comunismo a sentidos pejorativos, dessa maneira, era uma preocupação por parte da Igreja e do estado em afirmar o seu posicionamento doutrinário frente aos ideais comunistas com a construção de imagens que favoreciam o seu posicionamento. O discurso doutrinário católico era utilizado como porta voz na disseminação do discurso anticomunista, assim, neste momento, se justificando o aumento da negação dos ideais comunistas como forma de defesa em favor dos princípios da ordem e dos valores cristãos.

Neste contexto, de acordo com esses ideais da aproximação entre a Igreja Católica e a aproximação com o Estado, proporcionando uma intervenção com o laicato, em 1921 surge à revista *A Ordem e em seguida o Centro Dom Vital*, sendo os primeiros órgãos de origem laica composta por intelectuais convertidos ao catolicismo, passam através da revista a defender

seus princípios contra o socialismo e as ideias liberais que são decorrentes do período após a Primeira Guerra Mundial (RODRIGUES, 2005: 15).

Caracterização do comunismo enquanto uma doutrina falaciosa, que pretensamente defenderia a distribuição equânime dos bens, a umas das formas encontradas pela hierarquia eclesiástica para minar o avanço do proselitismo do ideário comunista foi a produção de um discurso – levando em conta que as diretrizes foram os documentos pontifícios -, cuja tônica voltava-se para a igualdade das classes, o proletariado e a liberdade de consciência. Por conseguinte, era o comunismo que a igreja disputava o espaço ideológico. Valores como ordem, disciplina, unidade, moralidade e respeito à autoridade, subjacentes ao catolicismo, estavam sendo ameaçadas pela “subversão” moderna, laicista, anarquizante e socialista. (PEREIRA, 2010: 147)

No trabalho de Candido Rodrigues “A Ordem: uma revista de intelectuais católicos 1934 a 1935”, onde o autor analisa o contexto histórico, as matrizes políticas e ideológicas através do posicionamento da intelectualidade católica que propiciou no surgimento da revista *A Ordem*. O período Vargas em busca de se legitimar buscou o apoio de vários setores da sociedade, através do reconhecimento da Igreja católica pelo Estado, assim se tornou possível à revista se tornar um dos principais órgãos de difusão dos interesses do Estado.

Nesse sentido, a revista A Ordem, ao pretender “recatolicizar” o País, a partir da manutenção da ordem simbólica religiosa, contribuiria também para a manutenção da ordem política (Bourdieu, p.70-79), algo muito interessante para um governo como o de Vargas. A partir de meados da década de 1930 os intelectuais discutem, de maneira mais enfática, temas como educação, ação católica, combate ao comunismo (RODRIGUES, 2005: 16).

Para efeito de análise utilizamos artigos produzidos pela imprensa local pós o Levante Comunista, através do jornal *A Ordem* da Diocese de Natal que foi fundado em 14 de julho de 1935 sob a responsabilidade da Congregação Mariana, e tendo influência de Tristão de Athaíde e Jackson de Figueiredo. Esses artigos demonstram o posicionamento dos ideais da Igreja local frente aos princípios comunistas, enfocando uma maior ênfase, frente à situação em particular que ocorreu no Rio Grande do Norte pós o levante.

O artigo “*Reprimir e Prevenir*” publicado no jornal A Ordem no dia 3 de dezembro de 1935 evidencia um discurso construído a partir da situação de tomada de poder pelos comunistas, exemplificando a desordem gerada durante os quatro dias do movimento, onde os culpados por essa desordem, a Igreja se posiciona contra, e ao mesmo tempo, definindo os culpados pelo Levante Comunista que foram influenciados por agentes externos, e assim, defendendo a sociedade norte-rio-grandense.

Sem confundir sentimento christão com sentimentalismo, nós somos os primeiros a concordar que a punição dos verdadeiros culpados do movimento comunista que infelicitou nossa terra deve ser exemplar e severa. Apenas, achamos que convém estabelecer uma sensível gradação no julgamento dos implicados, punindo com todo rigor os autores conscientes da barbara scena e muito menos severamente os pobres operários, em desespero, arrastados pelo abandono em que os deixamos viver, quase relegados ao convívio social. Os chefes do movimento, os “intellectuaes”, os professores das escolas oficiais, os empregados do governo verdadeiramente culpados, os aproveitadores e oportunistas que viviam enchendo de promessas irrealizáveis o operariado, não podem merecer complacência, pois tinham o discernimento suficiente para medir a tremenda responsabilidade do seu gesto de loucura¹.

O posicionamento da Igreja em concordância com a penalização aos responsáveis pelo conflito chamando atenção também da sociedade para um posicionamento de defesa contra novos acontecimentos comunistas. Por isso, pós o Levante, o discurso anticomunista católico se apresentava de forma marcante na imprensa católica, defendendo a sua posição junto a sociedade riograndense para a repressão e vigilância ao combate, eliminando qualquer influencia do comunismo.

Não foi surpresa a série interminável de saques e depredações que presenciamos em nosso Estado e da sequencia das revoluções comunistas. O que é oportuno lembrar é que os maiores proventos desses saques, e o que parece a própria autoria deles, não recaiu no homem do povo, mas nos ideólogos, e insufladores, nos mentores, nos chefes ostensivos ou ocultos da Intentona. O maior crime está nos mentores, espíritos pervertidos, envenenados pelas más leituras e pela frouxidão de costumes, adquirida muitas vezes nessas leituras perigosas. Na escola leiga, no mau

¹ *Reprimir e Prevenir*. In: A Ordem, 3 de dezembro de 1935. p. 1.

*cinema, victimas também, tantas vezes, da incúria dos paes. E por isso sustentamos que muito mais importante do que a repressão ao mal que deve ser exemplar neste como em qualquer outro fato é a prevenção, e a propnylaxia das tristes mazelas sociais.*²

Em outro artigo do jornal *A Ordem* “*O comunismo através da Cátedra*” de autoria de H. Sobral Pinto, se posiciona na defesa necessária chamando a atenção para o perigo comunista iminente que ocasiona na destruição da estabilidade da sociedade de valores cristãos, logo o autor se utiliza da construção de imagens que referencia o comunismo como o inimigo a ser combatido, pois proporciona a disseminação de atitudes “desumanas e terroristas” possuidor de uma falsa ideologia.

*O grande perigo que está a ameaçar, nos nossos dias, a estabilidade da civilização cristã, decorre do conhecimento falso, que se generalizou, dos methodos e processos communitas. Todos supõem que a implantação do comunismo, no seio das sociedades modernas, está preliminarmente condicionada ao emprego do terrorismo brutal e deshumano, à semelhança do que ocorreu na Rússia anarchizada de 1918. Dahí pensar-se em aparelhar o Estado democrático de leis jurídico-penaes que habilitem, na hora da lucta armada, a vender e dominar os seus ousados inimigos.*³

A análise dessa construção da imagem anticomunista, o mesmo artigo dando continuidade demonstrando a preocupação da disseminação dos ideais comunistas inseridos através de atitudes de professores públicos que professam a doutrina, chamando a atenção por parte do governo em indagar essa postura dos pedagogos que, segundo o autor, são profissionais que não percebem as possíveis infiltrações do perigo vermelho:

Não admira, portanto, que alguns pedagogos officiaes do nosso Estado democrático não estejam a enxergar, - na exaltação do seu ódio ao chistianismo, a solécia comunista de certos membros do nosso magistério superior. Preocupados de arrancar do coração da criança o germen santificador da Fé chistã, absorvidos, além disso, pelos problemas puramente technicos da sua especialidade pedagógica, e desprovidos, finalmente, dos conhecimentos philosophicos, que lhes permittiriam

² *Ibidem*, p. 1.

³ *O comunismo através da Cátedra*. In: *A Ordem*, 5 de dezembro de 1935, p. 1.

divisar, em horizontes largos, a finalidade superior do mundo criado, alguns desses pedagogos não podem perceber, na estreiteza mental da sua visão, que estão a fazer o jogo dos comunistas orthodoxos quando referindo-se à capacidade pedagógica de certos professores nossos, ousam asseverar que não “ há condições philosophicas ou religiosas para classificar intelectualmente dos homens.”⁴

O jornal *A República* fundado em 1889 representava o órgão oficial do estado, também passa a apresentar um discurso anticomunista pós o Levante de 1935 afirmando seu posicionamento frente ao combate de uma nova possibilidade de tomada de poder pelos comunistas. Desta maneira, o jornal passa ao posicionamento de definir o levante e ao mesmo tempo criando imagens que possibilitem construir um ideário anticomunista.

No artigo “Para Defesa do Regimen” publicado no jornal *A República* demonstra o posicionamento por parte da nação que se mostrou contra o levante, evidenciando o seu posicionamento a favor da ordem que exaltaram os sentimentos republicanos de bravura cívica. A nação se apresentou unida no seu dever patriótico, nesta declaração o jornal aproveita para colocar na posição de valores onde o Estado se preocupa com o bem e a ordem da nação, enquanto o comunismo seria a negação de todos esses valores.

Os aventureiros machiavélicos que projectavam modificar os quadros sociais do Brasil actual, rompendo as tradições pacíficas da nacionalidade, na ânsia satânica de destruir os laços da família formada num ambiente harmônico de religião e de amor, encontraram a repulsa mais completa e esmagadora. (...) A família, a religião, a propriedade, a pátria, essas quatro columnas sob as quais se ergue todo o nosso edifício social, através dos séculos, seriam fragorosamente demoronadas pela insensatez dos iconoclastas perversos. Entre as ruínas que a catastfropfe deixaria, os fantasmas da anarquia, da prostituição e da fome perseguiriam o povo martyrisado e infeliz⁵.

Em outro artigo “O Regime da fome” do jornal *A República* relata todos os prejuízos e danos enfocando que o Levante Comunista ocasionou a destruição principalmente dos valores da nação, da família e da religião, associando o regime comunista a aspectos negativos da

⁴ Ibidem, p.1.

⁵ *Para Defesa do Regimen*. In: *A República*, 1 de dezembro de 1935. p. 1.

situação que ocorreu no estado durante o levante. Em sequência, nessas representações, verificamos a construção da imagem pejorativa do comunismo associado ao “demônio” e a “grupos desalmados”, onde esse discurso da demonização do comunismo é construído nos valores cristãos católicos enfatizando sofrimento e pecado. Entretanto, percebemos a construção dessas imagens de cunho religioso não apenas na imprensa católica, mas também no periódico do órgão do Estado:

O Rio Grande do Norte ainda não saiu por completo do estado espiritual de surpresa, aturdimento e justíssima revolta em que o collocaram os sangrentos acontecimentos desenrolados durante os dias de terror communista. O Governo e o povo, todas as classes que livre e honestamente colaboram em nossa grandeza, viram e sentiram fortemente, naquelas horas dolorosas de extremismo saqueador e assassino, o retrato moral e os propósitos diabólicos dos grupos desalmados. (...) A honra e o respeito que se deve as famílias, o sossego dos lares, a veneração a velhice e á juventude inermes, tudo quanto, no Brasil, faz parte de um culto intangível que temos cumprido como uma tradição religiosa, foi desprezado, destruído, eliminado na consciência brutal dos revoltosos vermelhos⁶.

Por fim, tentamos demonstrar a construção do discurso anticomunista a nível local presente na imprensa riograndense pós o Levante Comunista de 1935, sendo possível perceber as construções de imagens negativas que enfatizam o ideário anticomunista, em um estado que se encontrava, mesmo antes e depois do levante, em disputas políticas e ideológicas, mas que após o levante se acentuará a desmobilização da ordem vigente, sendo agora não apenas o medo entre as disputas de poder local, mas também ao temor da possibilidade de implantação de um novo regime político. Portanto, o Estado e a Igreja católica evidenciava a construção de um discurso que enfatizava o anticomunismo presente nos principais jornais do estado, ampliando uma imagem pejorativa do comunismo, servindo como novas medidas de prevenção e combate a esse novo ideal que se concretizou na tomada de poder local, assim, demonstrando a preocupação não apenas a nível nacional, mas também por parte da imprensa local da formulação e legitimação desse discurso.

⁶ *O Regime da fome*. In: A República, 12 de dezembro de 1935. p. 1.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia**. São Paulo: Ensaio; Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.

LINDOSO, Jose Antônio Spinelli. **Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar: 1930/1935**. Natal: EDUFRN, 1996

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e Política no Brasil** (Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto). São Paulo: Brasiliense, 1989.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. **“Guardai-vos dos falsos profetas”: matrizes do discurso anticomunista católico (1935-1937)**. Franca: UNESP, 2010.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A Ordem – uma revista de intelectuais católicos: 1934-1945**. Belo Horizonte: Autêntica/FAPESP, 2005.